

OS OLHOS AMENDOADOS DA ATRIZ ZEZÉ MACEDO BRILHARAM DURANTE O FESTIVAL DE CINEMA. COM SUA VOZ ESGANIÇADA, BIJUTERIAS EXAGERADAS E PERFUME MARCANTE, ELA ENCANTOU FÃS E GANHOU UM MAÇO DE JASMINS.

DF - Cinema

A DAMA INESQUECÍVEL



Fernanda Abreu começa a gravar novo CD em novembro

SHOW

FERNANDA ABREU FAZ O DA LATA NA FÁBRICA

Teresa Albuquerque
Da equipe do Correio

Hoje é dia de alegria. Radian-te com o lançamento do terceiro disco na França, Fernanda Abreu volta a Brasília com o show *Da Lata*, que será apresentado às 22h na Fábrica Sia. Há um ano na estrada, o bem-cuidado espetáculo da cantora desta vez será mostrado por inteiro. Nas duas vezes em que esteve na cidade — em 26 de novembro e 26 de abril — ela abriu os shows do Cidade Negra e dos Paralamas. Agora vem sozinha. Merecia.

Da Lata é um projeto vitorioso. Foram 92 shows, mais de 120 mil cópias vendidas no Brasil e 4 mil no Japão. "Foi sensacional para mim, era tudo o que eu queria", comemora Fernanda em entrevista por telefone ao *Correio Dois*. "Não estou desdenhando do sucesso do Skank, por exemplo, mas o disco não teve uma música estourada, como *Garota Nacional*. Vendeu bem e para um público bem fiel".

Recém-chegada de Paris, onde passou dez dias lançando o álbum, a cantora continua nos palcos. Mas já entra em estúdio no dia 11 para gravar o próximo CD. "São músicas ao vivo, gravadas em maio no Palace, quatro inéditas, quatro remixadas por DJs — dois devem vir de fora, ainda vou escolher os nomes — e quatro releituras", adianta.

Com Carlinhos Brown, ela divide a faixa *Jorge da Capadócia*; com Chico Science, *Rio 40 Graus*, e com o Funk'n'Lata, *É Hoje*. As gravações terminam em dezembro e a mixagem está prevista para fevereiro. O disco deve estar nas lojas em abril.

Mas o show não pára. *Da Lata* rodou em um ano praticamente todas as capitais brasileiras, foi em julho para Nova York e permanece na estrada até fevereiro. "Vou parar só durante a mixagem do novo disco porque não agüento mesmo", ela diz. "Em Paris foi maravilhoso, recebi convites para voltar em abril e devo aproveitar para emendar uma turnê europeia até junho. Estrearia o novo show no Brasil só em julho".

Na Fábrica, a noite é de festa. O suíngue da lata é garantido por Fernando Vidal (guitarra), Aurélio Dias (baixo) e César "Bodão" Farias (bateria), que tocam com Fernanda desde o início da carreira solo; Berna Ceppas (computador e *sampler*), Ricardo Fiúza (teclados), Jovi (percussão), Tchê Leal e Júlio Borges (vocais). O cenário é de Luiz Stein, a coreografia de Deborah Colker, e os figurinos de Cláudia Kopke. A direção é da própria Fernanda Abreu.

SERVIÇO

DA LATA
Show da cantora Fernanda Abreu. Hoje, às 22h, na Fábrica Sia (SIA Trecho 2 lotes 65/95). Ingressos a R\$ 30 (inteira) e R\$ 15 (meia).



29º FESTIVAL DE BRASÍLIA DO CINEMA BRASILEIRO

Ricardo Mendes
Da equipe do Correio

Não tente achar Zezé Macedo na Internet. É inútil. A atriz vem de dias sem computador ou controle remoto. Dias em que os pais viviam e morriam como heróis aos olhos dos filhos. Uma época retratada em filmes em branco e preto, envolta no mesmo perfume que Zezé usa ainda hoje — *Je Reviens*. Em francês, a marca diz "Eu retornarei". Mas Zezé nunca retornará, pois jamais irá partir. Suas caretas e olhos amendoados foram eternizados em película nos 108 filmes que fizeram dela a atriz mais filmada até hoje. Um recorde mundial.

Com 1,50 m de altura, o corpo da atriz septuagenária se curva com o tempo. Também se curvam os fãs, como a jovem que interrompeu o lanche da diva cômica na manhã de terça-feira para lhe oferecer jasmim. Outros, ao contrário, se levantam. Foi o caso das 1,5 mil pessoas que lotaram a Sala Villa-Lobos na noite de segunda-feira e aplaudiram de pé a dama homenageada pelo Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

Sentada entre o governador Cristovam Buarque e a vice-governadora Arlete Sampaio, a atriz se ergueu. Deixou o holofote refletir nos paetês da blusa negra e agradeceu a homenagem sorrindo e abrindo os braços. "Eu não entendo esse carinho todo que as pessoas têm por mim", diria depois.

A blusa de paetês e a saia cáqui drapeada foram algumas das poucas peças que ela trouxe na mala. Na última hora, decidiu-se por esse figurino e deixou no quarto 1027 do Hotel Nacional a calça dourada que trouxera para a ocasião. Depois dos aplausos, nada de badalação. Voltou ao hotel e dormiu só. No dia seguinte, estava aflita para regressar ao seu apartamento, no bairro carioca de Botafogo, para tratar de uma parente adoecida.

PAI HERÓI

Assim como gosta de provocar risadas, a diva adora oferecer a mão a quem precisa. "Só Deus e a caridade podem nos salvar", diz ela com a voz esganiçada. Aos quatro anos, recebeu uma ordem do padasto, Columbano Santos: cuidar dos mendigos Eleutério e Domingos, que vadiavam pelas ruas da pequena Silva Jardim (RJ). Zezé levava moedas e comida para eles e, de vez em quando, os levava para casa, onde tomavam banho e tinham os cabelos cortados.

A caridade era um hábito na família, que acolheu 18 órfãos. "Eram meus irmãos", resume Zezé, que só teve um irmão legítimo. É grande sua admiração pelo padasto Columbano, que foi prefeito de Silva Jardim, deputado e mestre da loja maçônica da cidade. A ele, a atriz-poetisa dedicou seu terceiro e último livro — *Meu Brevírio* (1981). Oito dos 62 poemas editados ali falam de Columbano.

Seguindo o exemplo, Zezé cuidou de outro órfão, Carlos Cosmos. Ele aliviou a lacuna deixada pelo seu único filho, morto ainda bebê depois de cair dos braços da sogra. Atualmente, dá atenção aos sete gatos que acolheu. O marido, Victor Zambito, sai cedo de manhã com um panelão de comida para alimentar cães e gatos de rua.

Parte do último prêmio que Zezé recebeu foi gasto em caridade. Ela ganhou R\$ 5 mil há dois anos no Festival de Gramado pela atuação no curta-metragem *Jaguadarte*. "Ainda não vi o filme", conta a atriz, que estreou nas telas em *O Petróleo é Nosso* (1956).

Raimundo Paccó



Zezé Macedo adora provocar risadas, cuidar de gatos vadios, além de escrever versos como "Eu sou morena, descendente de índios/Sou gente/Sou feitiço"

Já na estréia, Zezé se encontrou com dois elementos que a acompanhariam pelos filmes que fez para a *Hollywood* brasileira, a Atlântida Filmes: a comicidade de Oscarito ("Um gênio humilde") e os papéis de mulher feia. "Os maquiadores caprichavam para me deixar medonha, e muitos deles se revoltavam com isso. Mas sempre vi tudo com muita boa vontade", diz.

A fisionomia que a talhou para personagens como a Biscoito — do programa Chico Total (TV Globo) — é abordada com ironia nos versos de *Do Meu Diário*, um dos seus poemas: "E só hoje é que, olhando-me no espelho, / Eu vi/E compreendi/ Porque é que sendo sempre a bem-amada/Nunca fui raptada./ Em mil romances, sempre as heroínas/São loiras e divinas/E pálidas/E esquáti-

das.../E sempre elas desmaiam, / Mas eu, não./ Eu sou morena, descendente de índios/Sou gente/Sou feitiço/Mas uma negação!..."

Apesar da fama de feiosa, Zezé não descuidava da aparência. A tintura ruiva nos cabelos é renovada antes

que apareçam os fios brancos. Revelar a idade, nem pensar. "Não quero alimentar a curiosidade mórbida que parte do público tem", justifica. Cada orelha traz dois grandes furos. Em Brasília, desfilou com enormes brincos dourados que

sustentavam pérolas falsas. No braço fino, um largo bracelete prateado. Na mão direita, um anel de acrílico transparente chamava a atenção. No rosto, a maquiagem escondia as marcas de cirurgias plásticas.

Ao contrário das personagens das chanchadas, Zezé jamais ficou encailhada. O primeiro casamento foi aos 15 anos. Aos 20, separou-se do belo Adiles Manhães ("Era alto, forte e loiro") por não agüentar suas crises de ciúmes. "Ele me deixava trancada em casa", recorda.

Depois, mudou-se para o Rio de Janeiro. Trabalhou como enfermeira antes de fazer carreira no rádio, teatro, cinema e televisão. "Namorei muitos homens", conta ela. Foi no palco que conheceu Victor, com quem se casou em 1961. Como no primeiro casamento, a união se deu menos de um mês depois de o casal se conhecer.

O tempo da pressa passou. Atualmente, Zezé preocupa-se em reunir tudo o que foi publicado a seu respeito para um museu que será criado na loja maçônica de Silva Jardim quando ela morrer. "Já reuni 200 troféus e prêmios lá", orgulha-se. A atriz esforça-se para se eternizar, como se fosse preciso.



Rio Fantasia é um dos 108 filmes em que a atriz Zezé Macedo atuou

■ Leia mais sobre o Festival de Brasília na página 3